

01.Chitina River

Alasca, 1947.

Eu sabia que ia dar merda.

Muito antes de entrar no covil, tinha certeza absoluta de que esta era uma péssima ideia. Meus instintos berravam para que eu desse meia-volta e sumisse dali o mais rápido possível, mas eu nunca fui muito bom em ouvir a minha própria consciência. Aliás, aprendi a ignorá-la desde a mais tenra idade, na inversa proporção que *meu pai* insistia em que eu a ouvisse.

Uma figura, o meu pai. Se tiver a chance, tenha o prazer de *não* o conhecer.

Havia recebido informações de que um tenente havia estabelecido um quartel no Alasca. *É*. Foi exatamente o que eu disse: a porcaria do estado congelado do Alasca! Era uma escolha estranha, você poderia dizer, mas a dica era boa demais para que eu simplesmente deixasse para lá. Chitina River era o local, uma cidadezinha esquecida por Deus e isolada em um canto obscuro da fronteira oeste.

Havia um avião esperando por mim em Anchorage, cortesia do meu misterioso financiador. Ele estivera me abastecendo de dicas nos dois últimos anos, desde que deixara a Europa. Por quê? Não tinha a mínima ideia. Mas a grana era boa e as pistas raramente me levavam a becos sem saída. Uma vez por mês, um pacote aparecia com dinheiro e diversos documentos coletados aqui ou ali. E um bilhete assinado pela *Irmandade do Olho do Corvo*.

Não me julgue. Não fui eu que criei a porcaria do nome. Aquilo deveria soar legal e misterioso, mas eu só achava um pé no saco.

Após seis horas chacoalhando num monomotor que cheirava a óleo e colônia barata, o piloto pousou no rio que dava nome ao

1 Vampiros não gostam de frio. O sangue resseca e eles têm dificuldade em sugar pescoços alheios.

lugar. Havia um pequeno píer onde desembarquei. O sujeito tinha ordens para retornar no outro dia. Pelas próximas vinte e quatro horas, estaria sozinho. E faltavam menos de três horas para escurecer.

Acendi um cigarro para esquentar os pulmões. O frio entorpecia meus dedos e precisei riscar dois fósforos para que a ponta ardesse. Senti o calor invadir meu corpo e enfiei os dedos congelados para dentro dos bolsos, as mãos nuas tocando o cabo das FN 1910, as duas pistolas semiautomáticas de fabricação belga. Apesar do frio, não usava luvas. Couro e sangue fresco é uma combinação mortal, principalmente quando você precisa atirar para salvar o próprio rabo.

Subi por uma trilha de pedras arredondadas até a vila. O último censo informava que a cidade deveria ter uns noventa habitantes, mas eu acho que os números seriam corrigidos drasticamente no próximo ano. Havia um cheiro empestecendo o ar. Um cheiro que eu conhecia muito bem.

Aquela cidade estava morta.

Merda!

Aquilo daria trabalho.



Não tinha tempo para ser sutil, então invadi as casas com as armas em punho, chutando portas e quebrando janelas. A coisa toda parece muito simples e glamorosa no cinema, mas, aqui, na vida real, é uma porcaria perigosa e cansativa. As dobradiças raramente cedem no primeiro chute, as fechaduras entortam e as vidraças teimam em estilhaçar-se em pontas agudas e afiadas. Para piorar, restava muito pouco tempo antes que a noite chegasse.

Como previa, as poucas casas de madeira que se espalhavam pela única rua de Chitina River estavam vazias. Nada de novo. Os malditos tinham o costume de arrebanhar suas vítimas até um covil. Encontrei alguns corpos, já apodrecendo. Homens, mulheres e crianças.

Malditos.

Deixei os dois prédios por último: o Café e o Chitina Empório. Poderia apostar o meu crucifixo que o covil estava em

um deles. E eu só tinha uma meia hora de luz quando decidi invadir o Café.

Como sempre, a desgraçada da deusa Fortuna me deixou na mão. Encontrei mais corpos, mas nenhum sinal dos sanguessugas. Fiz as contas rapidamente. Havia encontrado vinte e quatro moradores mortos. Isso deixava perto de uns sessenta nas mãos deles. Se pelo menos metade fora transformada, estaria lidando com uma infestação de uns trinta mal-ditos e mais o grupo que atacara o lugar.

Uma verdadeira porcaria.

Abri a pasta de couro que trouxera a tiracolo. Enchi os bolsos com pentes de balas e puxei a minha última garrafa a vácuo com água benta. Havia o suficiente para banhar as minhas mãos, pescoço e rosto. Se algum deles me tocasse, teria uma bela surpresa. Deixei para trás a estaca e os martelos — aquilo não adiantaria nada no meio de um covil —, mas levei as duas granadas especiais.

Se tivesse algum juízo na cabeça — algo que perdi entre os doze e treze anos, quando descobri que a desonestidade e a coragem eram os únicos meios de proteção possíveis na casa do meu *pai* —, teria me arrancado dali naquele exato momento. Ou me entocado no Café, defendendo o local como a porcaria do James Bowie.²

Talvez eu pudesse...

Ah, que se dane!

Faltando poucos minutos para os últimos raios do sol desaparecerem por detrás das montanhas, resolvi invadir o armazém.

Um grupo de cinco sanguessugas me esperava na penumbra. Eles voaram até mim e descarreguei as duas pistolas, varando seus corpos sem vida com as balas prateadas.

O cheiro apodrecido ali dentro era tão forte que quase botei para fora o que restava do parco almoço que engolira, ainda em Anchorage. Acendi uma lanterna. Aquelas porcarias podiam enxergar no escuro, mas eu não. Mesas e cadeiras estavam espalhadas pelos cantos e manchas de sangue coagulado se

² N. A.: James Bowie foi um dos comandantes americanos que defenderam o Forte Álamo em 1836, durante a Revolução Mexicana. Ele e todos os seus homens foram mortos na batalha.

misturavam aos excrementos. Garrafas quebradas brilhavam no facho da lâmpada. Outro vampiro saltou de trás do balcão e eu o destruí ainda no ar, com um tiro no meio da testa.

Precisava recarregar. Lancei os pentes vazios no chão — poderia recuperá-los mais tarde, se sobrevivesse a tanto — e puxei dois novos. Mas é claro que eles não me dariam todo este tempo. Não havia honra entre os malditos.

Alguns desgraçados surgiram por detrás da porta que levava à cozinha. O pino da granada voou um segundo antes que lançasse o projétil. A porcaria explodiu, lançando água benta para todos os lados. Os malditos caíram, se contorcendo, e puxei a minha *katana* de aço tibetano. Não queria desperdiçar projéteis, então, decapitei os malditos.

Quatro estocadas, quatro vampiros destruídos. A noite ia bem.

Abri um sorriso satisfeito. Foi quando tudo foi para o inferno.

A porta foi escancarada por trás, seguida do urro de uma horda completa.

— Merda! — xinguei, saltando para o lado um segundo antes que a minha garganta fosse dilacerada pelas garras de um daqueles malditos.

A noite descera e eles já podiam sair da casa. Não havia sentido em permanecer ali dentro.

Disparei a esmo contra a porta. Devo ter derrubado vários, mas havia muito mais de onde tinham saído aqueles malditos. Não tinha escolha. Puxei o pino da granada de fósforo e lancei para dentro da antiga cozinha antes de saltar contra a janela. Meu ombro quase se deslocou e me cortei em dois lugares com o vidro quebrado, mas consegui me arrastar antes que tudo aquilo virasse uma pira funerária.

O caso é que, contrário à sabedoria popular, vampiros não são mortos pelo fogo. Alguns acabam com os membros consumidos pela chama — e o diabo da granada de fósforo faz um trabalho do capeta nesse sentido —, mas a maioria somente se enfurece. Você já enfrentou um vampiro enraivecido? Posso lhe dizer que não é uma coisa bonita de se ver.

A neve começou a derreter rapidamente, transformando tudo em um maldito lamaçal. Havia uns três vampiros lá fora quando explodi o armazém, mas consegui abatê-los rapida-

mente. Outros não tiveram tanta sorte. Corpos recobertos em chamas saltavam de um lado a outro, uivando de dor e fúria. Eles estavam descontrolados e eu aproveitei a ocasião.

Foi como atirar em patinhos no parque e passei boa parte da noite fazendo isso, entre um cigarro e outro.



Quando o dia amanheceu, estava sozinho no meio de um campo recoberto de corpos destruídos. Avancei com cuidado, examinando os malditos. contei quarenta e cinco transformados, que desapareciam em montes fumegantes enquanto os primeiros raios do sol ultrapassavam as nuvens. Todos muito jovens, com os caninos recém-despertos. Sem dúvidas, os moradores da cidade. Aquilo era um bocado estranho. Nenhum sargento, nem um maldito cabo entre os desgraçados. Só soldados rasos. Fosse quem fosse o maldito tenente que comandara aquela operação, deixara o covil completamente desguarnecido, com um bando de vampiros novatos.

Por quê?

Minha investigação pelos restos incinerados do armazém trouxe um novo mistério. Um símbolo fora pintado na adega, provavelmente utilizando sangue dos moradores como tinta.³

Aquilo era *muito* estranho. Vampiros não usam símbolos. *Nunca*. Eu já enfrentei uma porrada deles. Eles são muito bem organizadinhos e se dividem em grupos, usando nomes pomposos e ridículos como Clã dos Assassinos Mortais ou Falange da Noite Escura do Oeste, mas nunca, *nunca*, usavam qualquer tipo de símbolos.

Talvez seja uma espécie de aversão à Cruz e sua simbologia. Ou porque seus leves poderes psíquicos permitem que eles reconheçam uns aos outros. Ou, talvez, porque eles só se interessem pelas cores vermelho sangue e preto pútrido.

Fiquei um bom tempo vendo aquela imagem de tentáculos disformes e olhos minúsculos. Seria algum culto ao polvo? Estaria enfrentando vampiros obcecados por *sushi*? Ou era apenas a veia artística de um desmorto?

³ *Estes safados
não são
conhecidos pela
imaginação.*

Vasculhei o resto do local, o que foi uma completa perda de tempo. Por mais que me esforçasse, nada apareceu dançando na minha frente com a palavra *pista* escrita em cores fosforescentes. Qualquer coisa relevante ali dentro acabou destruída pelo incêndio.

Inferno!

Bom, ainda havia trabalho a ser feito. O melhor agora era deixar o fogo purificador fazer o seu trabalho. Mas, então, um novo mistério. Enquanto procurava gasolina, encontrei um garoto e seu pai escondidos dentro de um quarto. Ouvi um barulho e invadi a porcaria da casa com as pistolas em punho e quase matei os dois com um ataque de coração duplo e fulminante.

Depois que os convenci de que não era um vampiro — algo um tanto quanto difícil quando você está com as mãos, rosto e vestes molhadas de sangue —, os coloquei em um trenó a diesel. O pai disse que conhecia uns fazendeiros que moravam a alguns quilômetros dali e que poderiam lhe dar abrigo. Concordei sem pestanejar, mesmo não entendendo o que um fazendeiro poderia plantar no meio daquele gelo e neve.

Enquanto eles partiam, acendi um cigarro. Por que diabos aqueles dois estavam vivos? Seu esconderijo não era particularmente seguro. Uma porta com uma tranca simples não deteria um bando de vampiros. Todos os moradores foram arrastados para a morte, mas eles foram deixados para trás.

Por quê?

Resmungando e bufando — sempre detestei mistérios insolúveis e palavras-cruzadas —, vasculhei a cidade até encontrar um pouco de gasolina num velho caminhão Ford atrás do Café. Usei uma lata para espalhar o combustível pelas casas e fiz o maior churrasquinho que o Alasca já vira nos últimos anos. Enquanto as chamas lambiam as paredes e reduziam Chitina River a cinzas, desci a trilha até o rio, com um cigarro nas mãos.

Porcaria!, pensei, ao sentar em uma pedra para esperar o avião e examinar as minhas vestes pela primeira vez.

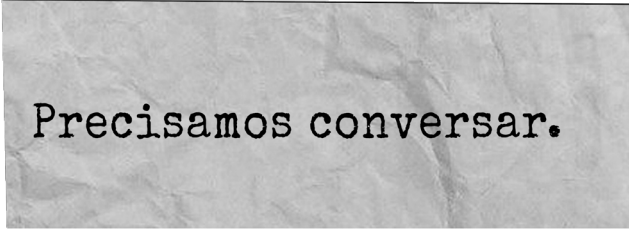
Ia precisar de uma batina nova.



Dormi a maior parte do tempo até Anchorage. Se o piloto desconfiou de alguma coisa ao me encontrar com a batina suja e os cabelos chamuscados, não deu sinal disso. Passou o tempo inteiro mascando chicletes e conversando via ondas curtas com uma voz feminina que respondia pelo nome de May. Depois de um demorado banho, devorei o maior jantar que a cozinha servia no Nevasca, um bar gordurento e mal-afamado, mas que tinha a agradável particularidade de ficar ao lado do hotel vagabundo onde me hospedara. Terminei a noite com duas cervejas e meio maço de cigarros.

Quando voltei para o quarto, encontrei um bilhete embaixo da porta.

De um lado, o maldito Corvo. Do outro, uma nota datilografada:



Precisamos conversar.

Embaixo, um endereço em Nova York.